



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**Antonini, Eliana Pibernat. Prof. Dr. USP**  
**Da ampliação do modelo semiótico textual à lá Umberto Eco<sup>1</sup>**  
**Faculdade dos Meios de Comunicação Social. PUCRS.**

**Resumo:**

O presente ensaio recupera, numa visão crítica, o modelo semiótico textual proposto por Umberto Eco. Refletindo sobre os percursos metodológicos que o autor constrói, redimensiona o leitor-modelo e o atualiza no papel de enunciatório. Prevendo analisar os produtos culturais contemporâneos, tal modelo de análise reconstrói um simulacro de emissor/receptor, que o próprio tecido textual promove.

**Palavras Chaves:**

Modelo teórico – Produção de sentido – Leitor Modelo.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



## **Da ampliação do modelo semiótico textual à lá Umberto Eco<sup>1</sup>**

*“ A ponte reúne enquanto passagem que atravessa”. Heidegger*

### **I - Recortes metodológicos**

A reflexão sobre as teorias e os modelos aplicáveis a todo processo comunicativo vem proporcionando um fecundo debate entre os pesquisadores da área. Preocupados, mais uma vez, com os limites do objeto, as interferências plurais do campo, com a própria visão de ciência e método, debruçamo-nos sobre a realidade empírica em busca de representações culturais que nela se espelham. Escorados e legitimados por pensadores da cultura globalizada, do simulacro, das tecnologias virtuais e hipertextuais, afastamo-nos, por vezes, do cerne teórico e vamos à deriva numa recapitulação de discussões há bastante tempo já esgotadas.

Digo isso porque os produtos culturais constituídos como tecitura midiática, como amostragem de dada e particular cultura, podem ser enfocados a partir de uma ótica peculiar, onde se recortem as marcas de significação, as searas metodológicas e a tentativa, pragmática, de reconhecimento e uso. Mergulhados nas categorias- fetiche, tão ao gosto dos *mass media*, esquecemos, por vezes, de remeter nossos questionamentos, a correntes mais fecundas do pensamento científico e filosófico, numa dialética mais hegeliana, numa apreciação estética à lá *Walter Benjamin*, em discussões que extrapolem as visões da pós-modernidade e redimensionem o contemporâneo.

Pensar no produto midiático como marca cultural pressupõe pensar não só a história da sociedade em sua tradição milenar, como também a história da sociedade de massa, escravizada pelo consumo, legitimada por atos de violência e de engodo. A prática social e crítica desta sociedade “neobarroca”, nos permite revisar noções de

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



conhecimento, de saber, de análises culturais, interligadas a dadas teorias e específicas modelizações.

Uma visão própria de conhecimento se delinea. Se o conhecer implica num *vis a vis* entre o Sujeito e o Objeto, tal dualismo pertence à essência do próprio saber, que se constrói na apreensão do que é representado pelo Objeto por um dado Sujeito. Tal dualismo gera um reconhecimento de simpatias, similitudes e diferenças, antipatias, que um determinado objeto obtém em sua representatividade, em sua transformação em signo. A busca por identidade instiga à procura de traços culturais que emanam de tais e quais objetos e que revelam tais e quais sujeitos. Por consequência, o próprio objeto sugere o método de abordagem e exige um sujeito receptor de competência, dotado de uma curiosidade exemplar.

Entendo por método, um procedimento que possibilita ao sujeito conhecer, dissecar, apreender tal objeto. Método como instrumento, portanto, que atualiza dada teoria, com caráter eminentemente dialético, que possibilite ao sujeito um ultrapassar de limites, uma ruptura, uma transformação de antigos conhecimentos em novos. Objeto será, aqui, uma construção da representação, do imaginário; espaço discursivo que existe num determinado tempo; objeto possível, real ou virtual; recorte; manifestação. Modelo, abrangerá a representação de traços pertinentes e reiterativos que configuram, dado objeto. Teoria, será um conjunto de princípios que interage sobre o objeto, sobre uma infinidade potencial de objetos, sistematicamente, e que se fazem pertinentes, verificáveis, em várias propostas de análise destes mesmos objetos.

Entendo também que todo objeto carrega consigo uma relação de significação, que passa a representar uma convenção cultural, onde se manifestam as produções de sentido de dada sociedade, em dado tempo e espaço. As identidades e diferenças passam a revelar significações que mostram/ revelam fronteiras, entre-lugares, espaços geopolíticos locais, globais, virtuais. Entender, analisar o objeto implica num processo de conhecimento de códigos, tecidos significantes que interagem em específica produção de cultura. Nesta perspectiva, faz-se necessário entender o objeto como linguagem e de codificá-lo a partir de elementos diversificados que retratam as nuances textuais, contextuais e intertextuais. Próximo a nossa perspectiva teórica, *Frederic*



Jameson,<sup>1</sup> afirma que a distinção entre sujeito-objeto garante e separa condições de saber e objeto do saber, sendo esta distinção fundamental para a identificação e análise, e pelo próprio reconhecimento dos produtos

1

culturais gerados pela comunidade midiaticizada. A separação entre conhecimento sobre o objeto, conhecimento do sujeito, reproduz uma outra, aquela onde o não-humano constitui a matéria-prima a partir da qual se constrói uma noção de objeto-mundo e, também, um perfil de sujeito “ideal” que recorta as amostragens da cultura a partir de uma inferência própria.

O sujeito, ao se deparar com as representações do objeto-mundo, faz uso de lógicas inferenciais e as retrabalha no interior de dado pressuposto teórico. Com isso, adquire a capacidade de projetar modelos que se adequem a representar, de forma cartográfica, o objeto. Ou, ainda, modelos que expressem os mecanismos que engendram o sentido, e que mergulhados no “caldo” da cultura, remetam ainda a contextos sociais específicos e interajam com múltiplos agentes históricos.

Nesta ótica, o sujeito que se dispõe a interpretar o objeto, deve, *a priori*, inferir sobre ele, e a partir daí construir algum tipo de relação que se permita reconhecer o objeto em suas inúmeras virtualidades. Interpretar, nesta lógica, pressupõe compreender, antever a significação de tal objeto. Na ampliação da referência aristotélica, constrói-se a relevância da significação de dado objeto em sua relação mais estreita com aquilo que representa. Representar aqui é conhecer a partir da competência simbólica. E, seja na visão saussureana, fenomenologia de HUSSERL, na teoria de FREUD distendida por LACAN; seja na lógica perceiana, interpretar não é nem terá a atribuição de um conteúdo a uma forma, mas a descoberta do sentido privilegiado que certo objeto refere. Digo mais, poderá se a tradução de uma unidade de significação em outra, o ato de seleção que gera sentido, a equivalência entre signos e semioses, o interpretante da teoria de Pierce. O jogo interpretativo leva ao reconhecimento de que

---

<sup>1</sup> 1- James, Frederic. **O inconsciente político: a narrativa, como ato socialmente simbólico.** ( 1992) Ática, São Paulo ( pp.111).

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



cada objeto agrega uma produção de sentido, que poderá ser revelada, ao sujeito, no momento em que este se debruça em sua análise. O jogo interpretativo propõe limites ao sujeito, ao contexto cultural, ao próprio objeto-texto. Para tal, necessita-se melhor entender a construção de simulacros textuais a partir de modelos abstratos de leitores.

Na minha concepção, insistir em compreender, analisar os produtos culturais midiáticos, sem a aplicação de um método específico que dê conta da construção das semioses possíveis, dos limites do que a desconstrução, enquanto abordagem metodológica, prescreve, acaba por nos fazer esquecer que estamos frente a um objeto polêmico, interdisciplinar, fugitivo, o da Comunicação e que interagimos com ele de muitas formas e podemos estudá-lo, visualizá-lo a partir de pressupostos teóricos que remetem a modelos e estratégias produzidos, questionados, ampliados pela própria comunidade científica.

## II-Conjunções teóricas

O impasse filosófico gerado pela “morte do sujeito”, ou quiçá, por sua eliminação do palco da cultura, passa a se resolver a partir da individuação e análise dos códigos que se articulam no tempo e no espaço, submetidos a sistemas de convenções culturais já previamente determinados. A proposta de um código faz com que certos significantes e significados se confirmem em detrimento de outros, o que leva a uma lógica dos agentes, numa primeira decodificação. Numa segunda ou terceira decodificação, tal lógica deve ser amparada pelo universo da significação que o texto promove, confirmando os significados que o contexto prevê.

Preocupado em delimitar seu campo de pesquisa, Umberto Eco, revela que seu estudo partiu da possibilidade de interpretar e reconhecer códigos que se manifestam nos fenômenos comunicativos. A questão epistemológica recobre “ uma pesquisa semiótica que trabalha sobre um fenômeno social como a comunicação e sobre sistemas de convenções culturais como os códigos (...) o salto consiste em passar, através de uma série de ficções descritivas, do universo dos seres humanos ao universo



dos modelos comunicativos”<sup>2</sup>. Dialecticamente, isto aponta para hipóteses de códigos que funcionam como modelos estruturados de possíveis trocas comunicacionais.

Ao propor uma semiótica da interpretação, dos limites que tal interpretação, sugere, nosso autor constrói um modelo de estratégia textual que pressupõe uma figura de leitor de modo totalmente abstrato. Para Eco, não está em questão um tipo de modelo comunicativo que projete um receptor efetivo, sociológico ou empírico, mas sim uma categoria textual. Esta sua aposta no texto acaba por revelar um procedimento metodológico que recupera, via tecido construído culturalmente, as nuances dos receptores efetivos. Aos receptores empíricos cabem outras funções que aqui não exploradas. Aos receptores modelo se oferece um contrato enunciativo e se exige um grau de competência enciclopédica que os torna capazes de identificar e interpretar os códigos elencados. Tentando estabelecer as

diferentes relações de sentido a partir de um modelo semiótico, Eco e Fabri, introduzem a questão da significação e da decodificação, e ampliam este referencial, chegando à noção de texto confrontada com a de contexto, este último já estabelecido, dado dentro de uma produção cultural demarcada.

Centrando-se no texto, a visão de Eco, que aqui endossamos o entender como o, nada mais sendo que um mecanismo que prescreve quais representações dos termos nós fragmentos que compõem devem ser delimitadas de modo a que se possa estabelecer níveis e práticas significativas. Fora do texto, os termos possuem todos os sentidos virtuais possíveis; são, portanto, o lugar onde o sentido se produz e onde se produz sentido. Ou, se quisermos, na perspectiva de M. Bahktin, “onde não há texto, não há tampouco objeto de investigação e de pensamento” (1977/111); no texto estão os confins, as projeções hipotéticas, que determinam a gestação de um ou mais sentidos em detrimento de outros. Ou, ainda, como Y. Lotman, o considera, o texto será conjunto sóico coerente, formação semiótica singular, fechada em si, dotada de um dado significado e de uma função de integridade não descomponível, a não ser em desconstruções teórico práticas.

---

<sup>2</sup> Eco, Umberto. (1976) **A estrutura ausente**. SP. Perspectiva.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Eco retrabalha tais categorias e define o texto como um mecanismo preguiçoso, construído de modo a pedir ao seu possível leitor que execute uma grande parte do trabalho de sua produção. Um texto, para nosso autor, é um mecanismo que, de um lado, fornece uma série de instruções para que se delimie uma possível imagem de seu autor e de seu preferido leitor e, de outro, concretiza um jogo de estratégias que levam à coerência do seu sentido. Assim, há textos que requerem um leitor que responda de modo único a sua concretização, tipo os “best-sellers”, os filmes norte-americanos, as telenovelas, os reality shows, enquanto existem outros, no entanto, que são construídos para leitores que fazem um pacto de fantasia, de ficção, de realismo mágico. Há textos, portanto, que exigem uma única resposta de seu leitor, enquanto há outros que tornam complexa esta resposta, levando o leitor a perder-se em trilhas de bosques vastos e densos até que seja possível encontrar algum caminho que o conduza ao sentido, à significação como um todo textual.

Tal visão implica em uma abordagem teórica que propõe visões de conexão e de coerência textual que devem interagir com o próprio leitor/ atualizador da significação. A produção e a interpretação de tal texto se confunde com a própria idéia de signo, quando ambos são processos contínuos de significação permanentemente ativos, associados pela intertextualidade. Para se obter um leitor que “sova” o texto e que o entende como uma prática interpretativa em aberto, precisa-se ultrapassar o patamar da mera textualidade e entender quanto tanto texto, quanto leitor, quanto o próprio autor são simulacros projetados por um devir de sentido. Entender-se-á, portanto, que todo texto será um processo de edificação do sentido, gerador de seu próprio leitor ideal e amostragem de um perfil modelo de autor. Todo texto revelará sua *intentio auctoris*, *intentio operis* ou *intentio lectoris*, e defrontar-se-á com uma dificuldade ao tratar com o conceito de sujeito, uma vez que este será um receptor-modelo, representante de uma teoria da linguagem que se propõem a trabalhar com a significação a partir dos jogos interpretativos e de simulacros do processo comunicacional.

### III- Disjunções teórico-críticas



O modelo de Eco propõe uma nova discussão, uma problematização do contexto, pois, ainda que tal contexto esteja imbricado totalmente ao sentido que o texto produz, já representa uma abertura a outros discursos que vão revelar do objeto mundo. Propor um modelo que interaja com o contexto, seja este lógico, lingüístico, de imagens, sons, marcas temporais... implica, desde logo, numa teoria que faz uso do nível textual como unidade primeira, para dela eleger seus preceitos metatextuais. Tal modelo aprimora a reflexão sobre como se dá a visualidade das manifestações culturais a partir dos meios de comunicação de massa. Igualmente, preocupa-se com o papel do receptor na construção do processo comunicativo, e com a dinâmica que se estabelece entre emissor e receptor situando o texto como produtor designificantes. A partir dos MCM, os receptores recebiam conjuntos textuais que só podem ser decodificados com base na literatura dos códigos já sedimentados no contexto cultural. Construída a partir de diferentes linguagens, tal mensagem-texto englobará os não-ditos, os pressupostos, as ancoragens, exigindo dos receptores competências múltiplas intra e intertextuais. Dito de outro modo, a passagem dos conteúdos veiculados pelos MCM não se realiza ao nível do discurso posto, dado, de referência unívoca, com um só código, mas, sobretudo, tais conteúdos só se podem atualizar em relação às diversas regras contextuais que permitiram sua produção e que fazem parte de sua competência produtiva, sua coerência e sua coesão de sentido. A mensagem-texto constituirá, portanto, o lugar onde a significação se estabelece, ou seja, o lugar onde se revela fenômenos de sentido que só adquirem significação mediante o contexto social em que se inserem e as linguagens das quais fazem uso.

A relação entre os meios, os intérpretes ditos empíricos e aqueles que, aqui, correlacionamos como leitores-modelo, pressupõem todo um sistema da significação que parte da nominação, da representação do objeto dinâmico pelo objeto imediato, representação sígnica pura no entender de C. S. Pierce <sup>3</sup>. Igualmente, os leitores-

---

<sup>3</sup> Objeto dinâmico ou mediato e objeto imediato são conceitos de que Pierce faz uso para sua teorização da semiose: o objeto imediato é aquele como o próprio signo o representa, é uma representação mental deste objeto. O objeto dinâmico, real ou mediato é segmentado da realidade e só pode ser indicado no processo da semiose.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



modelos necessitam reconhecer no jogo interpretativo entre texto-contexto, as construções de um imaginário ideológico que se reproduz continuamente nos meios. Todo discurso ideológico subjaz aos meios e, aos receptores, cabe prever jogos de inferências que dêem conta de determinada interpretação sócio-cultural inserida numa dada- e só nesta – relação paradigmática de significação. Todos estes processos de ativação e inserção do texto em complexos conteúdos facilitam a compreensão do que o Umberto Eco chama de **topics** e **isotopias** que levarão à confirmação do sentido.<sup>4</sup>

Revistando a noção de enunciado, e conseqüentemente, a de enunciação, afirma o autor que a comunicação se produz e só se produz através do tecido textual, onde estão as marcas da sua produção quer como forma de emissor, quer de receptor. Os MCM não permitem jamais a visão de um emissor empírico e, igualmente, de um receptor empírico; eles projetam, no seu construto textual, virtualizações de sujeitos. Estas virtualizações só se podem concretizar como simulacros de sujeitos, actantes que são de uma relação de intercâmbio bilateral, de uma relação de mundos possíveis. Na enunciação se projetam os “frames” de sentido que revelarão ao destinatário as propostas para construir este ou aquele universo de significação. Nesta perspectiva, as imagens textuais são deslocadas daquelas totalmente empíricas, ou seja, há um mecanismo de produção de sentido que separa totalmente a enunciação (com sujeitos empíricos, em situação real, determinada no espaço e no tempo) do enunciado (sujeitos simulados em espaço/tempo do texto) colocando em relevo os efeitos de real que dado texto pode criar para persuadir seus receptores. O jogo comunicativo torna-se uma similitude dos produtos interativos que se instauram entre sujeitos, mundos possíveis, tempos e espaços virtuais. Tudo isso acaba por gerar um modelo teórico que pretende dar conta da mediação do sentido que os MCM executam.

O receptor-modelo já recebe a mensagem textualizada dos meios com um contrato de leitura, uma aceitação do que está sendo proposto. O pseudo-real passa a

---

<sup>4</sup> Topic são representações baseados na semiose ilimitada, que requerem a cooperação do leitor. Na perspectiva teórica da literatura, podem ser entendidos como temas. Isotopia, recuperada da noção de Greimas, corresponde a coerência textual, àquela aposta interpretativa que o leitor deve fazer frente ao texto.



significar ainda mais do que o real vivenciado. E para possibilitar que tal leitura encontre, realmente, o sentido do texto, Eco estabelece limites na interpretação do leitor, redimensionados no próprio texto. Assim, afirma que as imagens textuais se despreendem da interpretação do receptor como parte de uma grande estratégia de inferências e abduções. Tomando o termo a Pierce<sup>5</sup>, que, por sua vez, o ampliará de Aristóteles, Umberto Eco vai entender que a abdução é uma terceira modalidade de inferência, uma espécie de intuição que se dá lentamente, etapa por etapa, até chegar a uma conclusão, ela será uma busca pelo sentido que se dá pela interpretação racional de sinais, indícios, signos. Movido de uma curiosidade abrangente, o receptor modelo tentará encontrar o caminho interpretativo a partir das inferências que puder confirmar e das abduções que lhe conduzirão a um viés de sentido só coerente com aquele tipo de tecido textual. E, uma vez que o texto dado pelos MCM se constrói como, algumas vezes vago, algumas vezes dogmático, faz-se necessário que o receptor o reconheça e estabeleça algumas estratégias junto com o emissor para poder de codificá-lo. O texto será, pois, uma estratégia de interpretações legítimas, sem as quais podem acontecer até “decodificações aberrantes”. Revisando diferenças entre interpretação e uso do texto, o autor cria uma teoria dos limites interpretativos que funciona como uma estratégia de cooperação entre a intenção do autor/emissor, do leitor/receptor e do próprio texto em si. Delineia uma série de procedimentos que este leitor modelo deve desenvolver, que irão desde o reconhecimento daquilo que o texto tem de mais linear, em seu conteúdo atualizado, até antecipações que podem ou não se confirmar como universo de sentido. Estes caminhos e descaminhos que o leitor busca, cria simulações de narrativas, enredos, topics, isotopias... São passeios inferenciais. Assim, não só emissor/receptor são simulações textuais como o próprio texto em si mesmo gera construções de simulacro de linguagem e de práticas interpretativas. Neste viés como já dito, o texto se aproxima da idéia peirceana de signo, onde toda ação de sentido acontece numa produção infinita de semiose. A interpretação será um processo que dará

---

<sup>5</sup> Para Pierce, a abdução consiste numa razão ou raciocínio que se realiza mediante uma inferência. Seria uma espécie de intuição que busca chegar a um patamar de significação, onde o leitor deve ler o mundo como um grande universo de sinais, indícios, convenções, ou seja, ler o mundo como um grande texto construído a partir de inúmeras linguagens.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

conta do reconhecimento, primeiro, de um objeto- mundo ou estado de mundo, seguido por sua representação sígnica, traduzido num outro signo que será seu interpretante, numa cadeia infinita de significação. Os enunciados podem e devem ter um sentido literal, mas estão dispostos de uma dada forma que revelam alguns e só estes tipos de mundos atuais e possíveis. A competência dos receptores deve estabelecer quais escolhas devem ser privilegiadas e quais destas mesmas escolhas estabelecem conexões com o universo externo. Todo conjunto de escolhas deve ser sustentado pelo tecido textual e pelo próprio leitor empírico que aposta numa certa conjectura sobre que tipo de leitor-modelo o texto postula. Isto aponta para uma prática hermenêutica que revê o princípio do interpretante em Peirce e, conseqüentemente da semiose ilimitada e para uma leitura pré-textual, outra problemática teórica que aqui não cabe ainda elencar.

Porto Alegre, abril de 2002

#### **Bibliografia:**

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Eco, Umberto . (1976) A estrutura ausente. SP. Perspectiva.

\_\_\_\_\_ . (1980) Tratado geral de Semiótica. SP. Perspectiva

\_\_\_\_\_ . (1991) Semiótica e filosofia da linguagem. SP. Ática

\_\_\_\_\_ . ( 1993) Interpretação e super interpretação. SP. Martins Fontes

\_\_\_\_\_.(1995) Os limites da interpretação. SP. Perspectiva

Jameson, F. (1992) O inconsciente político: a narrativa, como ato socialmente simbólico. SP. Ática

Santaella, Lúcia. (1992) A assinatura das coisas . RJ. Imago

Santaella, Lúcia. (2001) Matrizes da linguagem e pensamento. SP. Iluminuras.